

---

# UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

## PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, CULTURA E ASSUNTOS ESTUDANTIS

II SIMPÓSIO DE EXTENSÃO, CULTURA E ASSUNTOS ESTUDANTIS

13 e 14 de junho de 2013

### FARMACÊUTICOS DA UEG: UMA DOSE DE ALEGRIA

Alessandra Silva Santana Da Costa<sup>1</sup>; Ana Paula Dos Santos<sup>1</sup>; Ana Paula Neves Bittencourt Duarte<sup>1</sup>; Andressa Lazara Montes<sup>1</sup>; Ane Karoline Da Silva<sup>1</sup>; Ayanda Dantas Silva<sup>1</sup>; Beatriz Alves Da Silva<sup>1</sup>; Bruna Cecília De Castro Montes<sup>1</sup>; Bruna Menezes Gonçalves<sup>1</sup>; Bruna Roberta Silva De Almeida<sup>1</sup>; Camila Marques Santos<sup>1</sup>; Carlos Eduardo Nogueira Silva<sup>1</sup>; Claudia Priscilla Lopes Chaves<sup>1</sup>; Dalva Luiza De Oliveira<sup>1</sup>; Dayane Dos Santos Cruz<sup>1</sup>; Florisvaldo Santos De Jesus Júnior<sup>1</sup>; Gustavo De Souza Melo<sup>1</sup>; Ironice Faria De Souza<sup>1</sup>; Jonitoni Soares De Araujo<sup>1</sup>; Laislla Andrade Pereira<sup>1</sup>; Ligia Luiza De Oliveira Guimarães<sup>1</sup>; Lívia Maria Fernandes<sup>1</sup>; Marco Aurélio Lima Do Vale<sup>1</sup>; Meliana Jacob De Faria Bitar<sup>1</sup>; Melynna Augusta Brito<sup>1</sup>; Michelly Cristina Gomes De Paula<sup>1</sup>; Mikaella Cintra Brito<sup>1</sup>; Paulo Serone Ribeiro Miranda<sup>1</sup>; Rafhaella Cristina Ribeiro<sup>1</sup>; Renata Garcia Santos<sup>1</sup>; Tatiane Aparecida Dos Reis Mesquita<sup>1</sup>; Vanessa De Assis Paiva<sup>1</sup>; Roberta Campos Lino<sup>2</sup>; Sandra Machado Rosa<sup>3</sup> e Divina Rita Da Silva Gomes<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Discentes do curso de farmácia UEG – Unu Itumbiara; <sup>2</sup>Prof<sup>a</sup> Coordenadora da ação Curso de Farmácia da UEG – Unu Itumbiara; <sup>3</sup> Outros docentes participantes Curso de Farmácia da UEG – Unu Itumbiara.

### RESUMO

Este projeto propõe a formação de grupos de palhaços compostos por estudantes do curso de farmácia para levar até as crianças hospitalizadas brincadeiras. Estes alunos “palhaços” através de cantigas, teatro, fantoches, origami, historinhas e implantação de uma brinquedoteca pretendem aumentar a qualidade da recuperação destas crianças hospitalizadas. Nestas visitas os alunos do curso de farmácia auxiliados por docentes do mesmo vão ter a oportunidade de humanizar a relação de um profissional da saúde-criança hospitalizada sendo de fundamental importância no seu processo de formação.

### INTRODUÇÃO

Muitos trabalhos têm demonstrado que a atuação de grupos como os doutores da alegria e Doutores. do riso que promovem brincadeiras com as

crianças podem promover a saúde das mesmas quando essas se encontram hospitalizadas [SANTOS; GIMENEZ, 2008]. Os achados possibilitaram discutir a promoção do brincar como ação da saúde coletiva. Conclui-se, dentre outros aspectos, que a promoção do brincar no espaço da hospitalização infantil pode contribuir para que se (re)signifique o modelo tradicional de intervenção e cuidado de crianças hospitalizadas (MITRE;GOMES, 2004). O Hospital Municipal da cidade de Itumbiara – Go, não possui esse tipo de trabalho conjunto com acadêmicos da universidade, nada mais correto do que levar essas brincadeiras e informações até essas crianças através dos discentes do curso da área de saúde.

O projeto permite ao aluno de farmácia ter contato com a área prática de um hospital, ver como é o funcionamento de um hospital e ainda permite que ele explore o lado humano da sua futura profissão como farmacêutico.

## **REFERÊNCIAL TEÓRICO**

As péssimas condições de hospitais públicos, falta de leitos e profissionais mal pagos geram ambientes muitas vezes desagradáveis aos pacientes. As crianças já possuem certa fobia de profissionais da saúde, e ambientes desagradáveis e profissionais desestimulados podem potencializar essa fobia e até mesmo desestimular o tratamento destes pequenos pacientes.

Observa-se cada vez mais a necessidade da humanização relação profissional da saúde-paciente com a intenção de melhorar a qualidade do tratamento hospitalar. A humanização tem representado uma síntese de aspirações genéricas por uma perfeição moral das ações e relações entre os sujeitos humanos envolvidos [08]. Nos serviços de saúde, essa intenção humanizadora se traduz em diferentes proposições: melhorar a relação médico-paciente; organizar atividades de convívio, amenizadas e lúdicas como as brinquedotecas e outras ligadas às artes plásticas, à música e ao teatro; garantir acompanhante na internação da criança; implementar novos procedimentos na atenção psiquiátrica, amenizar as condições do atendimento aos pacientes em regime de terapia intensiva [08]. A humanização dos serviços da saúde se torna de total importância na formação dos futuros profissionais

desta área, sendo de fundamental importância que as universidades tenham responsabilidade social na formação dos seus alunos, assim como trabalhando os conceitos de equidade, acesso universal e qualidade no atendimento [10]. Pode-se notar a existência de grupos de estudantes e profissionais da saúde que buscam humanizar a relação de médico-paciente. Pois quando, por exemplo, uma criança ou adolescente sofre uma internação hospitalar, há uma modificação no seu curso de desenvolvimento e na sua forma de ver o mundo. A internação promove uma série de alterações na rotina e na vida da criança, do adolescente e dos seus familiares. Na maior parte do tempo de hospitalização, a criança fica restringida ao leito, submetida à passividade, cercada de pessoas estranhas e que, para ela, trazem mais dor e sofrimento [07]. Dor representada pelas agulhas, cortes, medicações que ardem na pele, dentre outros procedimentos desagradáveis, até mesmo para um adulto [07]. Uma atuação que busque diminuir os efeitos da doença e do seu tratamento se faz necessária, pois, muitas vezes, eles acometem às crianças e aos adolescentes de forma generalizada. O hospital e a enfermidade produzem para a criança uma relação peculiar com o mundo na qual o cuidado, a cura e os atos de saúde requerem uma abordagem ampla que não se limita apenas aos cuidados médicos [02]. Se uma criança ou um adolescente hospitalizado brinca ou consegue ter momentos de distração e de divertimento no contexto hospitalar, mergulham em um universo de possibilidades, pois nestes espaços eles recriam e enfrentam situações vividas por eles no seu cotidiano. É por isso que crianças e adolescentes precisam usufruir dos benefícios emocionais, intelectuais e culturais que as atividades lúdicas proporcionam.

Um dos grupos mais atuantes são os Doutores da Alegria, este busca a humanização através da atuação *clown* no meio hospitalar. O trabalho deste grupo se fundamenta na metodologia de Michael Christensen, que foi o primeiro a levar *clowns* profissionais para os hospitais em 1986 [06]. A atuação destes grupos é baseada na crença de que a experiência da alegria permite o contato com o lado mais saudável do indivíduo [06].

A mudança de comportamento das crianças é o resultado mais marcante do trabalho dos palhaços (doutores da alegria) [04]. Segundo os doutores da alegria as crianças que estavam prostradas se tornaram mais ativas. As quietas

passaram a se comunicar mais. As que choravam passaram a sorrir e também a se queixar menos de dores. Observou-se melhora e aumento de contato e colaboração com a equipe e com o tratamento médico. Estes foram dois aspectos significativos. As crianças passaram a se alimentar melhor e aceitar mais as medicações e exames. Segundo os profissionais, há também uma melhoria na imagem da hospitalização em si. Modifica-se a percepção do hospital como um ambiente hostil [04].

Em um estudo realizado em 2008, os participantes afirmaram que as intervenções com os palhaços podem promover, força, ânimo, conforto, otimismo, distração, alívio da dor, angústia e medo, mencionaram ainda que isso pode auxiliar no tratamento e recuperação das pessoas [09].

Conforme o referencial teórico psicanalítico, ao brincar livremente, a criança, ao mesmo tempo em que sente prazer, comunica seus sentimentos. Essa comunicação torna possível o conhecimento dos possíveis conteúdos psíquicos que possam causar sofrimento, provocando inibições e angústias [11]. Dessa forma, o brincar surge como uma possibilidade de modificar o cotidiano da internação, pois produz uma realidade própria e singular. Através de um movimento pendular entre o mundo real e o mundo imaginário, a criança transpõe as barreiras do adoecimento e os limites de tempo e espaço [05].

Durante um estudo realizado em um hospital de Presidente Prudente em 2007, observou-se que o brincar ofereceu às crianças internadas a possibilidade de externalização de medos, angústias, favorecendo maior estabilização emocional infantil e ampliação da capacidade da criança para elaborar conflitos decorrentes da situação de internação, o que colabora na amenização do sofrimento e angústia [11]. A criação de um espaço próprio para as crianças brincarem dentro dos hospitais, como as brinquedotecas, se faz necessário para elas poderem sair da realidade da internação e ir um pouco para o lúdico. Muitos estudos tem demonstrado a importância de humanizar a relação profissional da saúde-crianças hospitalizada e a criação de brinquedotecas na promoção de saúde destas crianças e até mesmo para os profissionais que cuidam destas crianças [11, 01 e 03].

## **OBJETIVOS**

Humanizar os alunos do curso de farmácia quanto à relação profissional da saúde-paciente;

Tornar mais agradável a forma como as crianças veem os profissionais da saúde e (o trauma de jalecos brancos) e a sua estadia em hospitais.

## **METODOLOGIA**

As atividades desenvolvidas neste projeto serão as brincadeiras de roda, passeios pelo Hospital Municipal Modesto de Carvalho com cantigas, os alunos estarão caracterizados de palhaços e farão apresentação de fantoches.

As avaliações ocorrerão através de relatórios que os alunos irão fazer a cada visita nos hospitais, que serão discutidos em reuniões com o grupo de extensão.

## **PUBLICO ALVO ATENDIDO**

Crianças hospitalizadas;

Acompanhantes das crianças hospitalizadas;

Profissionais do hospital;

Discentes do curso de farmácia da UEG - UNu Itumbiara

## **RESULTADOS PARCIAIS**

Como resultados parciais têm-se alunos treinados para lidarem com as situações do hospital, dinâmicas elaboradas como interação destes alunos nos hospitais e material didático confeccionado para brincadeiras instrutivas com as crianças hospitalizadas. Como resultado para os alunos: pode-se dizer que os mesmos já estão em processo de humanização e colocando em prática o aprendido em curso de treinamento para as visitas hospitalares.

## **CONCLUSÃO**

O trabalho ainda esta em curso mas pode-se ter como prévias conclusões:

A boa aceitação pelos funcionários e internos do hospital;

Os alunos do curso de farmácia estão conseguindo fazer um trabalho de assistência farmacêutica de uma forma criativa e ajudando a melhorar a estadias de crianças no hospital;

Os alunos do curso de farmácia envolvidos na atividade estão instruindo sobre saúde não somente as crianças do hospital como também os funcionários e os outros internos da instituição promovendo uma melhor assistência farmacêutica no mesmo;

As atividades desenvolvidas nos hospitais estão proporcionando uma melhora na qualidade de estadia dos internos e dos funcionários. Os alunos do curso de farmácia são responsáveis por esta melhora pois levam informações de cunho medicamentoso em forma de brincadeira como teatro de fantoches, cantigas, encenações arbitrárias, brincadeiras de montar e outras brincadeiras.

Como perspectivas, entende-se que há necessidade de quantificar essa melhora e isso ocorrerá de uma forma indireta, através de questionários que serão distribuídos dentro do hospital. Estes questionários estão sendo confeccionados e os mesmos serão distribuídos entre os funcionários e acompanhantes para verificar a melhora do paciente no hospital durante as visitas, além de também interpretar a visão destas visitas pelo profissional da saúde.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

[01] CARVALHO, A. M. e BEGNIS, J. G. Brincar Em Unidades De Atendimento Pediátrico: Aplicações E Perspectivas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 109-117, jan./abr. 2006.

[02] CECCIM, R.B. 1997. Escuta pedagógica à criança hospitalizada. In: R.B. CECCIM; P. R.A. CARVALHO (orgs.), *Criança hospitalizada: atenção como escuta à vida*. Porto Alegre, Universidade/UFRGS, p. 185-192.

[03] FURTADO, M.C. e LIMA R. A. G. Brincar no hospital: subsídios para o cuidado de enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 33, n. 4, p. 364-9, dez. 1999.

[04] MASETTI, Morgana. *Soluções de Palhaços: transformações na realidade hospitalar*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

- [05] MITRE, R. M. A.; GOMES, R.; A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (1):147-154, 2004.
- [06] NOGUEIRA, W.; MASETTI, M. Os “doutores da alegria”: um relato de experiência. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 264-267, 2000.
- [07] OLIVEIRA, G. F.; DANTAS, F. D. C E FONSÊCA, P. N.; O Impacto Da Hospitalização Em Crianças De 1 A 5 Anos De Idade. Trabalho apresentado no V Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, de 7 a 10 de setembro de 2005 em São Paulo.
- [08] PUCCIN, P. T.; CECÍLIO L. C. O; A humanização dos serviços e o direito à saúde *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(5):1342-1353, set-out, 2004.
- [09] SANTOS, M. G; GIMENEZ, E. H. R; A psicologia e a arte do palhaço como possibilidade de humanização. *Anuário da produção de iniciação científica discente*, Vol. XI, Nº. 12, ANO 2008.
- [10] VILELA, E. M.; MENDES, I. J. M. Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 525-531, 2003.
- [11] WIEZZEL, A. C. S.; VILLELA, F. C. B.; A Brinquedoteca E O Brincar No Hospital: Diálogo Entre O Lúdico E O Terapêutico; *Nucleus*, v.5, n.2, out. 2008.